



Narrativas, Influências e Experiências: uma breve análise das reflexões de Pierre Bourdieu

*Hesler Piedade Caffé Filho¹; Denes Dantas Vieira²; Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira³;
Elijalma Augusto Beserra⁴; Abimailde Maria Cavalcanti Fonseca da Silva⁵*

Resumo: Esse artigo traz reflexões sobre como a tríade (habitus, campo e capital) de Bourdieu pode explicar o conjunto de parâmetros que norteiam o comportamento das pessoas. Percorre ainda a ideia de que as influências, narrativas e alienações são geradas a partir de conhecimentos tradicionais e científicos e de interpretação de quem lê e se apropria dessas narrativas, e que pode dar início (ou continuidade) a uma crise cultural ou de autonomia nos sujeitos de uma maneira geral. Encerra falando de alienação e limites que são gerados a partir desses fatores, sugerindo que o mundo ideal é aquele onde as pessoas possam ser autônomas no seu pensamento, agir preservando o equilíbrio dos sujeitos e que a linguagem livre seja o vetor dessa troca de vivências.

Palavras Chaves: Influências; Experiências; Pierre Bourdieu.

Narratives, Influences and Experiences: a brief analysis of Pierre Bourdieu's reflections

Abstract: This article reflects on how Bourdieu's triad (habitus, countryside and capital) can explain the set of parameters that guide people's behavior. It also runs through the idea that influences, narratives and alienations are generated from traditional and scientific knowledge and the interpretation of those who read and appropriate these narratives, and that it can start (or continue) a cultural or autonomy crisis in the subjects in general. He ends by talking about alienation and limits that are generated from these factors, suggesting that the ideal world is one where people can be autonomous in their thinking, act while preserving the balance of subjects and that free language is the vector for this exchange of experiences.

Keywords: Influences; Experiences; Pierre Bourdieu.

¹ Universidade Federal do Vale do São Francisco, discente do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, hesler.caffe@univasf.edu.br, <http://lattes.cnpq.br/7527346637492629>;

² Universidade Federal do Vale do São Francisco, docente do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, denes.vieira@univasf.edu.br, <http://lattes.cnpq.br/2197066093535835>;

³ Universidade Federal do Vale do São Francisco, docente do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, lucia.oliveira@univasf.edu.br, <http://lattes.cnpq.br/9814539262982598>;

⁴ Universidade Federal do Vale do São Francisco, discente do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, elijalma@hotmail.com, <http://lattes.cnpq.br/9844020504686899>;

⁵ Universidade Federal do Vale do São Francisco, discente do Doutorado Profissional em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, abimailde.fonseca@univasf.edu.br, <http://lattes.cnpq.br/3679493347699405>.

Introdução

Uma questão interessante de se estudar são os modelos de pensamento que conceituam ações humanas e que levam as pessoas a se comportarem de uma maneira ou de outra. Decorrente a isso, com a força paralela de diversos discursos, das retóricas, dialéticas e oratórias, somos levados a nos comportar de alguma maneira e recebemos influências a partir do comportamento de outras pessoas. Ao ampliar essa visão, é possível a criação de grupos, lados, crises, conflitos e espaços de atuação social e político. Isso está diretamente ligado a histórico de experiência que são produzidas e se apropriam de outras experiências, formando assim um complexo modelo comportamental – atraente para alguns e repelente para outros. Uma vez atraente, agrega seguidores e uma vez repelente, o sistema se ajusta criando uma realidade contrária. Com o passar do tempo, ajustes são naturalmente somados a esses processos, criando assim uma pluralidade de ideias, crenças e culturas.

Esse artigo tem como objetivo apresentar uma forma em como as experiências, narrativas sociais, formação de grupos e dialéticas podem construir modelos de referência de atuação cultural. É de natureza descritiva e bibliográfica, onde se priorizou a percepção pessoal dos autores a partir de vivências, leituras de mundo e interpretações do cotidiano. Publicações sobre Pierre Félix Bourdieu e suas teorias auxiliaram na percepção da construção das ideias do texto, fazendo uma base filosófica para sustentar o artigo. Surgiu da necessidade de apresentar um estudo sobre o pensamento de Bourdieu para isso, foi realizada uma revisão de literatura integrativa que estavam dentro do recorte histórico apresentado.

Alguns pensadores estão estudando crises de experiência. Os autores falam do desaparecimento dos relatos de experiências, que as experiências não são acessíveis a todos e que o homem atual não possui autonomia de viver e narrar suas experiências. Peraita (2009), diz que isso implica que o homem *”también ha sido privado de su capacidad para narrar experiencias, para configurar un relato enriquecedor, de esos que se transmitían y recibían como una forma de conocimiento y de incremento del mismo.”* Esse discurso aponta para uma realidade onde o sujeito, de tempos em tempos, passou a reproduzir mais conhecimentos dos outros do que produzir o seu próprio conhecimento e experiências.

Para ajudar nesse discurso e na essência desse estudo, surge Pierre Félix Bourdieu, que nasceu na zona rural da França, Denguin, sul da França em 1 de agosto de 1930. As teorias de Bourdieu vieram à tona em um momento que muitos autores consideravam um estado de crise na Sociologia. Essa crise, em parte, tratava-se de um impasse: como fazer afirmações gerais

sobre a realidade social se as pessoas possuem experiências, opiniões e vidas diferentes em sociedade? ⁶

Serviu ao exercido e após, em 58, foi convidado a assumir o posto de professor assistente na Faculdade de Letras em Argel. No ano de 1960, passa a ser assistente do sociólogo Raymond Aron na Faculdade de Letras de Paris. Neste mesmo ano 1960 Pierre Bourdieu retornou para a França para ocupar o cargo de professor na Universidade de Lille onde permaneceu até o ano de 1964.

Em 1964, após, foi designado para o cargo de Diretor de estudos no que é conhecido hoje na França como “Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais”. Em 1968, ele assumiu o Centro de Sociologia Europeia (Centre de Sociologie Européenne), instituição fundada por Raymond Aron e que foi dirigida por ele até sua morte.

Em 1981 Bourdieu passou a ocupar a Cátedra de Sociologia no Collège de France que era antes ocupada por Raymond Aron e Maurice Halbwachs, dois grandes nomes da Sociologia. Em 1993 foi laureado com “Medalha dourada do centro Nacional da pesquisa científica” CNRS).

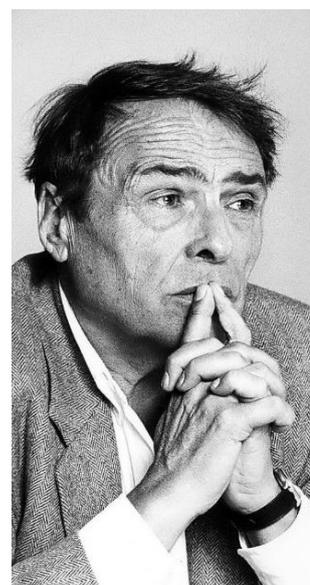


Figura 1 - /Pierre-Bourdieu*

Em 1996 ele recebeu o Prêmio Goffman da Universidade da Califórnia, Berkeley e em 2001 a Medalha Huxley do Instituto Antropológico Real. Morreu em Paris, França, 23 de janeiro de 2002.

Gasparetto Junior (acesso em 2021) explica que Bourdieu ficou conhecido pelos estudos em antropologia e sociologia, publicando obras sobre política, literatura, mídia, arte, linguística, cultura, dentre outros temas. Seu pensamento estava em diálogo com os campos de Max Weber, Emile Durkheim e Karl Marx. Ele acredita que existem sistemas ou estruturas objetivas no ambiente social que podem influenciar o comportamento individual. Uma das coisas mais importantes do pensamento de Pierre Bourdieu foi: analisar como os indivíduos são incluídos na estrutura social, legitimados e reproduzidos.

Bourdieu defendeu que as coisas do cotidiano da vida podiam ser traduzidas em três conceitos fundamentais: o campo, o habitus e o capital. Essa tríade explicaria de que forma a

⁶ <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/pierre-bourdieu>.

* Disponível em: <https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2016/11/Pierre-Bourdieu-526x1024.jpg>

sociedade se organiza em relação ao seu composto cultural, suas formas de expressão, critérios de convivência e uma espécie de ‘validação’ ou ‘legitimidade’ das experiências.

Campo – para Bourdieu, representa um lugar simbólico que pode acontecer a partir de delimitações geográficas (ou não), com a presença de agentes potentes que operam diversas situações, sob influência dos seus hábitos e de uma energia que podemos simbolizar como capital. Nesses diversos ambientes há exercício de poder. Isso pode ocorrer na arena (se pensarmos na administração pública), no marketing seria a praça, na comunicação seria o público, nas relações públicas os stakeholders, etc. As teorias versam que as crises, conflitos e confrontos, eram questões de distúrbios existentes em um espaço restrito e delimitado no campo que pode ser amplificado de acordo com a gestão social ou política daquela situação.

Esses espaços simbólicos podem ser entendidos como qualquer estrutura que possua uma espécie de organização institucional ou própria, que seja capaz de induzir, sugerir, ser referência em parâmetros culturais, etc. Instituições religiosas, empresas, cidades, bairros, sociedades organizadas, escolas, famílias, dentre outros. O campo compõe e permite o exercício do fazer e do ser em suas limítrofes. É onde acontece o habitus e o exercício do capital. É dentro do campo que os diversos tipos de conhecimentos são validados ou não. É notório que exista uma diferença entre o que sabemos a partir de relatos no nosso dia a dia coletivo e o que sabemos a partir de situações comprovadamente científicas (o empírico e o científico). Isso vai gerar as forças motrizes para cada parâmetro de convivência.

Existe um lugar para cada tipo de conhecimento. A experiência tradicional, comum e muitas vezes discriminada, é feita por frases, falas, vivências, que podem ser verdades de fato, mas não de experimentos comprovados – e existe um limite nesse tipo de conhecimento que é a morte pois a morte é o limite da experiência individual empírica. E a depender do campo, esses conhecimentos são passados de gerações por gerações, a partir da autoridade de idade, posição social ou hierarquia familiar para que não se percam ao longo do tempo. Isso ocorre através de narrativas, histórias, contos, etc., muitas vezes acontecendo em cenários e reuniões familiares e informais. Para Silva e Baptista (2018), trata-se de um importante instrumento de repasse de conhecimentos.

Para Silva e Baptista (2018) o conhecimento tradicional será todo o conjunto de conhecimentos estabelecidos pelos humanos ao longo do tempo, pois os humanos surgiram na história da evolução, proporcionando-lhes a sobrevivência neste planeta, desde a idade das cavernas até os dias de hoje. Para muitas comunidades, esse tipo de conhecimento construído pela experiência humana tem sido a principal forma de existência até hoje.

No campo científico (ou onde a ciência prevalece) esses relatos podem não ser reconhecidos como verdade a partir de uma metodologia. Mas, se passarem pelos critérios metodológicos legítimos, passam a ser científicos e reconhecidos como tal. Entretanto esse fenômeno não acontece apenas pelo fato do campo e si. Deve-se muito ao conjunto de habitus que estão inseridos naquele campo.

Para Bourdieu, Habitus é um sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. Nele, está contido um complexo de subjetividades, pensamentos, formas, achismos, modelos, sugestões e etc., socializadas em um determinado campo. Pode ser entendido como um padrão de comportamento ou seus diversos vetores de impulso / potência / resposta.⁷ É interdependente de ética, moral, valores, costumes, pensamentos, insights, comportamento, impulso, vontade, ânimo, conação, comportamento do consumidor, semiótica, influência, etc.

Os habitus são princípios geradores da prática distinta e distintivas- o que o operário come, e, sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes. [...], princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. BOURDIEU (2008, p.22)

Na prática, são conexões entre aquilo que pensamos em conjunto com o pensamento de outras pessoas - próximas ou não, concordantes ou não, que compõem uma miscelânea de caminhos de convivência que não necessariamente são percorridos ou construídos de forma consciente e autônoma – considerando que recebemos influência de sistemas sociais de troca de saberes. Esse motivo, base, referência que escolhemos para nos movimentar, é construído a partir de discursos, narrativas, dialéticas e retóricas resultantes de experiências de outras pessoas que nos antecedem em relação àquele modelo ou pensamento. Isso ocorre através de pacotes preestabelecidos de educação e comunicação – que são os principais impulsionadores de transformação e de informações. É preciso saber que essas narrativas não representam a verdade comum ao mundo, mas sim as próprias experiências das pessoas que detém poder sobre os formatos de educação e de comunicação, que serão entregues para a sociedade.

De uma maneira ou de outra, as experiências, linguagens e narrativas deveriam servir como elementos voltados ao diálogo de percepções com objetivo de aumentar o reconhecimento do outro como sujeito que possui suas próprias experiências, conhecimentos, relatos e

⁷ https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/Volume8%20n2/PPP%208_2%20Art_%209.pdf

vivências, a fim de construir um ambiente coletivo de convivência saudável e sustentável. Ao invés disso, usamos a linguagem para escolher um lado já estabelecido em uma realidade conflitante e controlada e acabamos nos afastando da possibilidade de diálogo e boa convivência. A depender de como essas narrativas e dialéticas são construídas, isso pode ocasionar um distanciamento de percepções e distanciamento de pessoas, sujeitos, grupos, organizações e sistemas. Isso ocorre quando todos os sujeitos se expressam, mas não convergem em um bem comum – justamente porque a ideia de bem comum já foi segregada, posicionada e referenciada por alguém.

Tais como a construção do espaço social ou mecanismo de reprodução desses espaços. [...] Os habitus como comportamento, impulso, vontade ânimo, atos e ações podem determinar as atitudes. Ele pode assim indicar as diferenças reais que separam tanto as estruturas quanto as disposições (os habitus) cujo princípio é preciso procurar não a singularidade das naturezas-ou das “almas”-, mas nas particularidades de histórias coletivas diferentes BORDIEU (2008 P.15).

O controle social acontece quando a narrativa não possui correlação com o conhecimento ou sentimento de verdade comum (ética), mas sim com correlação em relação à posse e autoridade de quem fala. De um certo modo, mundo não é feito de resultados de observação, mas sim dos relatos e narrativas de experiências – inclusive aquelas resultantes de um processo científico de comprovação – tendo em vista que mesmo após a informação ter sido metodologicamente tratada, existe ainda a interpretação daquilo que foi concluído pelo autor e que foi divulgado por outros leitores.

Assim como as posições das quais são o produto, os hábitos são diferenciados; mas são também diferenciados, distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: Põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferentes princípios de diferenciação comuns. BOURDIEU (2008, p.22).

Então, independente do fato em si, se um discurso favorece um lado em detrimento do outro, favorece o individualismo em detrimento com o coletivo, favorece a opinião extremista em detrimento a uma vida coletiva e de sobrevivência pacífica, então há exercício danoso de manipulação nessa relação. É exatamente nesse ponto em que se estabeleceu o poder e o uso do capital em favorecimento a uma ideologia, grupo ou organização.

Capital, para Bourdieu, é o sinônimo de poder. São elementos que dão início a outros padrões sociais. Um capital é uma energia que dá significado a um determinado campo; dá alteração ou manutenção de hábitos; potencializa ou neutraliza outros capitais.⁸ Esse significado

⁸ <https://www.redalyc.org/jatsRepo/894/89460358009/html/index.html>

muitas vezes vem carregado de julgamento que serão traduzidos em bem e mal, bom ou ruim, certo ou errado, nós ou eles, pode ou não pode.

O capital social surge a partir de movimentos dos públicos;⁹ o capital cultural provém da educação, intelecto, estilo de discurso, estilo de vestuário, etc. e o capital econômico vem do dinheiro, acúmulo, renda, posses, trabalho remunerado, heranças, etc.¹⁰ Esses capitais são as chaves de permissividade dentro do campo, que acaba desenhando o habitus. Se a ideia central de poder é a capacidade de “A” influenciar o comportamento de “B”, essa influência pode acontecer a partir de elementos que atendem necessidades humanas. Ao atender essas necessidades e influenciar padrões, existe ali o exercício do poder. Esse capital vai estabelecer o poder através dos sistemas simbólicos.

Os ‘sistemas simbólicos’, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder Simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. BOURDIEU citado por SOUZA (2014, p.141)

Por natureza, o homem tem necessidades de sobrevivência individual ou da espécie, necessidades de pertencer a grupos de referência, necessidades de ser feliz e exercer poder sobre alguns outros indivíduos. Em qualquer desses tipos de necessidades, haverá um capital para atender parcialmente ou totalmente essas demandas – ou ficará excluído. E essa exclusão ocorre em vários níveis: “você é um excluído se não pertence a um grupo dominante, seja em relação a estrutura do poder político estabelecido, seja na estrutura de suas próprias famílias, amigos/as, colegas, grupos, territórios” Cardoso Filho (2020).

O trabalho, fonte de recurso para a grande maioria das pessoas, também acaba contribuindo para essa limitação da liberdade e criatividade do pensamento pois a alienação do próprio trabalho e dos modelos de produção pré-definidos, podem causar a diminuição da autonomia, entregando uma distorcida percepção da realidade. Acabamos nos tornando escravos das nossas necessidades, vícios e vontades. Na obra de Soares e colaboradores (2016), uma citação traduzida de Rogers, Ludington & Graham, (1997, p. 2) “*sempre que sentimos um desejo ou necessidade de algo, estamos em um estado de motivação. Motivação é um sentimento interno é um impulso que alguém tem de fazer alguma coisa*”. Essa ideia corrobora

⁹ <https://www.infoescola.com/sociedade/capital-social/>

¹⁰ <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=443>

com o que Bzuneck (2004) diz: A motivação às vezes é entendida como um fator psicológico ou um grupo de fatores e, às vezes, como um processo. Em relação à dinâmica desses fatores psicológicos ou de processo em qualquer atividade humana, há um consenso geral entre os autores. Eles conduzem à seleção, incitamento e iniciação do comportamento orientado para metas.

Ainda dentro desse quesito laboral, onde as pessoas transitam em busca de recursos para proverem suas necessidades, entra em cena a atmosfera do emprego, vínculo e dependência, ambiente perfeito para o exercício da alienação, doutrinação e condução de comportamentos. Olschowsky e Chaves trazem isso em sua obra, de 1997:

É importante estarmos atentos à dinâmica da motivação para organização do trabalho, pois na realidade ninguém motiva ninguém. O máximo que se pode fazer é detectar que objetivos estão em jogo, discriminar quais deles são mais importantes para o subordinado em questão. O supervisor é um agente facilitador do potencial para ação que as pessoas trazem e deve estar consciente de que, se um determinado recurso funcionou bem na motivação de uma pessoa, talvez não tenha o mesmo efeito com outra. Isto exige, sem dúvida, grande responsabilidade por parte do supervisor no manejo com as diferenças individuais de seus subordinados e do conhecimento de seus estilos comportamentais. OLSCHOWSKY e CHAVES (1997, p.12).

Esse processo de alienação e limites já acontece há muito tempo e aparentemente não vai parar por aqui. O cenário indica a continuidade desse sistema considerando a realidade da facilidade das coisas, modelos atrativos e convincentes tanto no sistema educacional quanto no sistema comunicacional pois ambos atendem ao capital, ao mercadológico e à praticidade das ações. Vale ressaltar que para se destruir a autonomia ou uma série de experiências, reputações, imagem e conceitos, não se necessita de uma grande catástrofe, revolução, fatos novos ou rupturas drásticas: apenas pequenas ações, costumes, comportamentos e hábitos orquestrados. Estamos falando de ‘pequenas coisas’ do nosso próprio dia a dia, que aparentam ser de forma pacífica e aceitável.

Um ‘mundo’ ideal seria aquele onde as pessoas pudessem livremente dialogar sabendo que o saldo desse diálogo – que deve ser contraditório e conflitante com resultado agregador e capaz de promover uma boa convivência, desenvolvimento e não degradar ambientes, sistemas e organizações. É preciso valorizar e potencializar o uso das diversas linguagens, tendo em vista que essa é a única capaz de materializar nossa experiência humana, situação essa que pode promover um aumento de repertório de vidas e possibilidades de equilíbrio, equidade e concórdia.

Referências

BORDIEU, Pierre. **Razões e práticas**: sobre a teoria de Ação. Tradução. Mariza Correia. Campinas, São Paulo. 1996;2008. 9^a ed.

BZUNECK, José. A.. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: E. BORUCHOVITCH & J. BZUNECK;. (Org.). A motivação do aluno: contribuições da Psicologia contemporânea. 3 ed. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2004.

CARDOSO FILHO, Juracy do Amor. Música (In) Visível: Pessoas e Sonoridades Excluídas. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Música, 2020. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/33270/1/M%C3%BAstica%20%28in%29%20vis%C3%ADvel%20Pessoas%20e%20sonoridades%20exclu%C3%ADdas%20-%20tese.pdf>. Acesso em 15/07/2021.

GASPARETTO JUNIOR, Antônio. Pierre Bourdieu. www.infoescola.com/biografias/. Disponível em <https://www.infoescola.com/biografias/pierre-bourdieu/>. Acesso em 15/07/2021.

OLSCHOWSKY, Agnes. CHAVES, Enaura Helena Brandão. A realização, a afiliação e o poder: em qual destes três fatores está calcada a motivação dos enfermeiros em um hospital de ensino? R. gaúcha Enferm., Porto Alegre, v.18, n.1, p.9-16, jan. 1997. ISSN 0102-6933 E-ISSN 1983-1447. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4125/42834>. Acesso em 15/07/2021.

PERAITA, Carmen Segura. Experiencia, Mundo, Lenguaje. Alpha: Revista de Artes, Letras y Filosofía. 2019. Disponível em <https://revistaalpha.com/index.php/alpha/article/view/613/612>. DOI: <https://doi.org/10.32735/S0718-2201201900048613>. Acesso em 15/07/2021.

SILVA, Maria Laura Souza. BAPTISTA, Geilsa Costa Santos. Conhecimento tradicional como instrumento para dinamização do currículo e ensino de ciências. Revista **Gaia Scientia** ISSN 1981-1268, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/gaia/article/download/38710/22140/108030>. Acesso em 14/07/2021.

SOARES, Vanusa Bezerra dos Santos. QUEIROZ, Luiz Alberto Benevides de. CAFFÉ FILHO, Hesler Piedade. A Importância do Fator Motivacional no Trabalho. 2016. Revista Id on Line (ISSN: 1981-1179). DOI: <https://doi.org/10.14295/idonline.v10i1.381>. Disponível em <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/381/525>. Acesso em 16/07/2021.

SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de pensar a sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu. Revista Ars Histórica, ISSN 2178-244X, n° 7, Jan./Jun., 2014, p. 139-151. | www.historia.ufrj.br/~ars/. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4766705.pdf>. Acesso em 13/07/2021.

Rogers S, Ludington J, Graham S. Motivation & learning: a teacher's guide to building excitement for learning & igniting the drive for quality. 3a ed. Evergreen: Peak Learning Systems, 1997.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

CAFFÉ FILHO, Hesler Piedade; VIEIRA, Denes Dantas; OLIVEIRA, Lucia Marisy Souza Ribeiro de; BESERRA, Eljalma Augusto; SILVA, Abimailde Maria Cavalcanti Fonseca da. Narrativas, Influências e Experiências: uma breve análise das reflexões de Pierre Bourdieu. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 104-112, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 30/07/2021;

Aceito 13/08/2021;

Publicado: 31/10/2021.